

Mutimati Barnabé João

EU, O POVO


Biblioteca
editores **I**ndependentes

Índice

Nota à presente edição	
<i>Recordando António Quadros</i> , por José Forjaz	11
EU, O POVO	
Relatório	21
Vigilância	23
Camarada inimigo	25
Ar condicionado	27
Para sul	29
Palavra de ordem	31
Operação da guerra de libertação	33
A queimada	35
Municipiamento	37
Estou tranquilo	39
Hoje, 23 de Dezembro	41
Zangado	43
Eu, o Povo	45
O ferro	47
O estreme	49
Semeadora	51
O burro	53
O vento na produção	55
Caborinha Bassa	57

© Herdeiros de António Quadros
© da nota introdutória: José Forjaz, 2008
© do posfácio: Daniel Jonas, 2008
© Livros Cotovia, Lda (2008)
Rua Nova da Trindade, 24
1200-303 Lisboa

Capa: reprodução de desenho etnográfico de Fernando Calhano,
planificação de motivos ornamentais de bastões feitos com arame de cobre, Moçambique

Outubro 2008
ISBN: 978-972-795-262-5

Pés da mesa	59
As linguagens	61
Povo do mato	63
Dia 7	65
Floresta de frutos	67
24 horas por dia	69
Ver na cabeça	71
Venceremos	73
<i>Posfácio</i> por Daniel Jonas	75

Nota à presente edição

Recordando António Quadros

Em princípios de 1975, o António, mais o Roxo Leão, mais o Pedro Alcântara, mais o João Salomão, mais o João Mosca, mais eu fomos encarregados, pelo então ministro das Obras Públicas do governo de transição Alcântara Santos, de constituirmo-nos em brigada de “salvação” da cidade de Tete, que estava sem água, sem luz e sem as outras necessidades mais básicas de qualquer cidade. Levámos credenciais que nos davam amplos poderes, e mais poderes obtivemos do comandante da Frelimo e Governador da Província, a quem, disciplinadamente, nos apresentámos à chegada. *Eu, o Povo* nasceu dessa brigada fazedora de milagres tais como dar água à cidade, projectar um novo bairro, um novo hospital, e outras tantas coisas, em menos de dez dias. O povo era, então ainda, uma entidade concreta, a revolução estava no for-

Relatório

Pus o meu irmão debaixo da Terra
Porque desde ontem o meu irmão não falava mais
E não queria comer, não queria limpar a Kalashnikoff
Com os olhos muito abertos e leves de sono.

Este meu irmão ficou ontem muito diferente
Quando uma pequena ave imperialista
Um simples assobio cego e sem penas
Que vinha voando do outro lado da Alegria
Resolveu estupidamente ninhar naquele coração
Quando meu irmão estava mesmo na metade mesmo
De um passo, Camarada Comandante.

Está aqui tudo o que não era meu irmão
O cinturão, o camuflado, dois carregadores, a arma boa
O bornal, o cantil, o facão, esta pequena moeda estrangeira.

Está tudo em muito perfeito estado de conservação.
Faz favor dá Ordem para pôr dentro outro Irmão
Camarada Comandante.

Camarada inimigo

Esteve aqui um inimigo sem fome, muita.
Deixou-me este inimigo uma ração de combate com formigas
E 2 pedaços de papel de jornal com excrementos
E 22 latas de cerveja vazias
E capim pisado.

Contou-me muita informação preciosa este inimigo
Sei que há 3 meses fazia frio em Lisboa (Portugal)
Caetano está bom na legenda mas só tem meia cabeça na foto
E o seu sorriso acaba onde começa mais excremento
Caetano está bom mesmo e o Povo Português muito triste
Hoje há 3 meses pois Eusébio não alinha por ter menisco
E Santo Francisco de Paula é senhorio em Lisboa dos pobres.

Sei ainda que este inimigo tem a doença da sede para esquecer
Tem pouca fome porque ainda não sabe aprender a esquecer
Tem diarreia, tem lombriga tem solidão
E só sabe fumar metade do cigarro.

Este inimigo deixa muita informação e rasto
Não pode ser um inimigo tão assim tanto
É um camarada trabalhando no campo inimigo
É pelo menos um agente duplo.

Operação da guerra de libertação

Esta árvore amiga é o inimigo
Destroncar esta árvore é uma operação contra o inimigo.

Escolhemos um inimigo, inimigo, à medida da nossa grandeza
Um inimigo do tamanho da nossa tarefa
Que vai dar muita chatice a cair, e tática e estratégia
E vai servir derrubado melhor que em pé
Pois se que esta terra é boa para uma árvore tão alta
Há-de ser muito boa para dar machamba.

Vai ser ataque de serrote ou machada ou enxada na raiz?
Vai cair para o lado do vento?
Vai ser de cinto de fogo ou trotil mesmo?
Vai ser com as mãos fazendo força, camaradas?

Onde há uma árvore maior que a força do Povo?

Se vier o velho, a mulher, o menino, todos um e um e um
Riscar com a unha do dedo pequeno, lambar com a língua
Nove milhões de pequenas carícias e pouca força
Esta árvore cai mesmo.

Por onde passa o Exército de Libertação
Fica um rasto verde e cheio e o caminho aberto
Para passar a Liberdade e o Futuro.

É fácil ver quem passou aqui.

A queimada

Dez bois, duas vacas, seis porcos, vinte e uma cabra
Muitas galinhas, a colheita toda de mexoeira
Todas as habitações, o Posto Sanitário, a Escola
Dois velhos, o monitor agrícola, um doente
Uma criança de quatro anos de nome Marco
Sete imbondeiros, o capim verde e a água.

Aquele pássaro de ferro e o seu excremento poderoso
Vieram fazer a queimada fora do tempo
Deve ser uma nova técnica agrícola científica
Que tem de queimar tudo até água
E mesmo até um monitor agrícola.

Tenham muito respeito camaradas
Grandes cabeças do Ocidente pensaram muito.
Grandes cabeças sem cabelo cheias de papas de café com aspirina
Decidiram que sabiam resolver da nossa Agricultura
E mostrar ao monitor Rafael que ele perdia Razão
Quando dizia da queimada é contra o Povo
Porque mata na terra as Sementes do Futuro.

Esta Técnica Agrícola chama-se napalm e faz tudo:
Destronca, Sementeira, Colheita, sozinha.
A todos os camaradas vivos: Vamos aprender
A Lição da Lição desta Agricultura Moderna e esperar
O grão especial que nascer nesta terra.

Pés da mesa

Um camponês, um operário, um pescador, um estudante
Discutiam quem é melhor, quem é mais, Quem é que É.
Era um estudante. Era um pescador. Era um operário. Era um camponês.

Sem Eu camponês não há colheita não há pão de comer
Sem Eu pescador não há pesca não há carne de peixe
Sem Eu operário não há ferramenta para fazer comer
Sem Mim estudante, não há nada disso nem ciência para organizar.

Estavam os 4 pés da mesa a discutir
Eu Eu Eu Eu é que seguro a Mesa de pé.

Xi! Por isto há tampos de mesa pesados
Que metem os pés no chão dentro com o peso.

Um soldado do Povo veio do calado dizer:
Somos todos pés da Mesa da Pátria
Para servir o Futuro bem cozinhado aos Continuadores
E afinal somos todos fazendo a mesma coisa
Semear, forjar, pescar, estudar, lutar
Cada um trabalha diferentes caras da Natureza
Com diferentes maneiras e diferentes utensílios
A enxada é anzol é martelo e livro é arma
O martelo lavra, cria, estuda a manobra do ferro, luta com o ferro
A rede faz colheita, molda o mar, aprende do mar, vence o mar
O livro semeia a cabeça, forja a Inteligência da Mão

Pesca o Conhecimento, luta com a Ignorância.
O guerrilheiro Semeia a Unidade, Edifica o Trabalho
Navega na Vigilância, Estuda o Serviço do Povo, Luta com a Divisão

Onde está essa tanta diferença? Que é ser mais ou melhor?
Há aí alguém tanto assim muito Enorme?

As linguagens

Na cabeça de um homem há muitas línguas a falar diferente
Falam com bocados umas das outras e estão unidas sem saber
Quando um homem pensa sozinho consigo mesmo
E quer tirar da cabeça uma produção útil para todos.

Por exemplo: Penso Rio. É matsi, é water, é água,
É quilos de litros a andar depressa
É uma música da água, é um desenho da água na cabeça.
Posso falar Rio; posso medir Rio; posso desenhar Rio.
Posso tirar o Rio da cama e pôr o rio acordado num papel
Que é um retrato parecido deste Rio mesmo este.

Isto que faz na cabeça de um homem tirar retrato são línguas
O Rio, a Árvore, o Animal, a Rocha, a Terra, o Sol, o Vento
São as caras da Natureza que as minhas línguas estudam.

A escola Primária Colonial está mal.
A língua das palavras não chega para tudo
É preciso aprender uma língua dos números
É preciso aprender a língua dos desenhos
As três línguas juntas é que são a língua verdadeira do Homem
E depois o Homem já fala à Natureza bem
E pode aprender dela tudo o que há-de ensinar.

Sigo a pista do cabrito: pegadas e capim partido. É desenho isso.
O excremento está fresco no Sol. Passou pouco. É cálculo aritmético.
Está ali. Não é cabrito. É cabrita. Falei com palavras.
Conheço que não sei pensar nada só numa língua.